

Posse no Instituto do Ceará

GUIMARAES DUQUE

Dois sentimentos se apoderam de mim nesta hora: um é a dúvida, nascida de mim mesmo, de saber se a minha valia e os meus conhecimentos apresentam um saldo favorável ao ingressar neste Templo de Ciência e Saber, que é o Instituto do Ceará, onde o estudo é a oração de todos os dias, onde a indagação verdadeira do que o homem foi, do que ele é e do que ele será constitui a preocupação de tôdas as horas, buscando nesta pesquisa mais do que a satisfação pessoal, um serviço à Humanidade; o outro receio é aquela responsabilidade esmagadora que acabrunha os homens de pensamento na salvaguarda da cultura ameaçada nesta época de inversão de valores, de confusão organizada e de inquietação espiritual, na qual nós constatamos, com amargura, que a Razão e a Justiça foram apartadas dos acontecimentos de todos os dias.

O Dr. Francisco Alves de Andrade, um dos expoentes máximos da ala moça dêste sodalício, cientista da Natureza e da Lei, trouxe-me a interpretação mais pura dos nobres sentimentos de VV. Excias. e a elevação dos conceitos tradicionais desta Casa, aumentados, em relação a mim, através do prisma da amizade e da benevolência.

Ao associar-me aos esforços de VV. Excias. eu posso apresentar apenas a minha cooperação bem intencionada, a minha compreensão da gravidade, no momento, dos destinos do homem e a vontade de ser útil à comunidade da qual eu recebo a solidariedade, a confiança, o benefício das relações sociais e o estímulo às ações nobres, que são a razão de ser de toda criatura. Eu contraí uma dívida de gratidão para com os sábios do Ceará e para com o seu Governo pela oportunidade de labutar no ambiente da harmonia, da lealdade, de estudar assuntos que excitam a curiosidade e de verificar a versatilidade e a independência espiritual do cearense, características da raça forte e do nível intelectual superior.

Eu transponho os humbrais desta casa com humildade e reverência pela pequenez da contribuição original que trago ao imenso repositório de saber do Instituto, acumulado através de décadas, pelos historiadores imortais e pelos sociólogos eminentes que iluminaram o passado do Instituto e os que atualmente ilustram as suas cadeiras juntando o acervo de fatos a fim de tirar lições, obter conclusões, para, embora empregando princípios universais de Ciência, encontrar, acertadamente, as soluções mais felizes dos problemas do Ceará, dentro

das fronteiras do Estado. As soluções positivas das questões regionais levam uma dose concentrada de Ecologia, que não pode prescindir do espírito, da impregnação e da reflexão do homem que nasceu no meio, que estudou o seu panorama, que sentiu as suas reações e que atingiu os resultados depois de longa ponderação e de sensato realismo.

As sociedades científicas regionais são a garantia da perpetuidade do conhecimento, da ampliação do estudo e do esforço espontâneo de cada um para ser somado com as providências do Estado e com a ação social no progresso da região.

Este Instituto, pelos seus ilustres e ilustrados fundadores, escreveu na sua carta magna as palavras História — Geografia — Antropologia, comprometendo-se, assim, na continuidade das pesquisas, no estudo do homem e na manutenção das suas relações amistosas.

Pelo seu passado e pelo seu alto conceito público o Instituto do Ceará tornou-se um credor da nossa confiança na evolução progressiva da comunidade cearense e um vanguardeiro defensor das tradições culturais dêste Hemisfério.

A cadeira nº 1 que, pela bondade de VV. Excias. eu passo a ocupar, foi fundada pelo Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, mais tarde sucedido pela figura inolvidável de cientista e de apóstolo da medicina que foi o Dr. Rodolfo Marques Teófilo. Com a perda dêste grande cearense a vaga foi dignamente preenchida pelo Dr. Carlos Studart Filho, que transferiu, depois, sua residência para a capital federal.

Em Janeiro de 1943, o Rvmo. Padre Dr. Misael Gomes, um dos vultos luminares dêste sodalício, saudava, em discurso intitulado "Dever, Pátria e o Instituto", a entrada, nesta casa, do Prof. Joaquim Alves. Vinha o novo sócio, nascido em Jardim, representar a região sul do Estado. Depois de labutar nas profissões de tipógrafo, funcionário, inspetor de ensino, prefeito, jornalista e de odontólogo diplomado, êle trazia, como escritor e professor, uma preciosa bagagem de publicações, entre as quais destaco como principais: "Nas Fronteiras do Nordeste", "Estudos de Pedagogia Regional", "O Ceará e suas regiões naturais", "O Vale do Cariri", "Ilhas de umidade", "Imigrações da bacia do S. Francisco para o vale do Cariri" e muitas outras. A premência do tempo não me permite focalizar aqui o valor de tôdas estas obras.

O exemplo de Joaquim Alves é mais uma prova de que o mérito não escolhe o berço. A escassez da instrução no seu município não obstou que êle, pelo esforço e pela tenacidade, fosse um estudioso dos nossos assuntos básicos do ensino e da sociologia.

Sr. Presidente, Sr. Dr. Francisco Alves de Andrade e digníssimos membros do Instituto do Ceará: agradeço a VV. Excias. a acolhida demais honrosa para mim e as palavras de estímulo, esperando vencer

a minha desvalia para merecer a confiança, a convivência e a amizade de VV. Excias.

A OBRA DO PROF. JOAQUIM ALVES

O livro "Nas Fronteiras do Nordeste", do Prof. Joaquim Alves, apareceu em 1932. Nele, o autor estuda a influência do meio na formação da sociedade nordestina, a miscigenação das raças, as crenças do povo, a cultura social e a questão religiosa do Juazeiro. A obra faz uma ligação entre os acontecimentos do Nordeste e os outros que se deram lá fora, como a descoberta da América e do Brasil com a Escola de Sagres, a formação da raça portuguesa, seus caracteres e sua contribuição para o mestiço regional.

O meu ilustre antecessor nesta cadeira não se deixou levar pelo determinismo do meio; às ações telúricas, restritivas, do ambiente ele antepoz um tipo eugênico forte, capaz e de mentalidade elevada.

Não ressaltou a importância decisiva que os alimentos virgens, sadios, locais, sempre exerceram no organismo do nordestino. Naquela época, a Bromatologia clássica desprezava o poder nutritivo da rapadura, da carne seca, da farinha, do cajú e sua castanha, do pequi, do "pega-pinto", da manga, da semente do faveleiro, que, saturados de luz solar e dos minerais do solo escaldante, ainda esperam uma interpretação científica para explicar claramente a resistência e a atividade do sertanejo. Mas a minha observação não vale uma crítica ao belo trabalho daquele saudoso sociólogo autodidata.

Nos seus estudos regionais Joaquim Alves não podia deixar de se preocupar com o Vale do Cariri, região onde nasceu. O trabalho "O Vale do Cariri", impresso em 1946, está dividido em: características físicas, povoamento, população, vida econômica e desenvolvimento cultural.

O Cariri analisado por aquele escritor continha em 1940 uma população de 178.432 habitantes para 5.009 Km²; conforme o censo de 1950, a população subiu para 211.001 habitantes, em 10 anos, ou seja um crescimento de 1,8% por ano com uma densidade de 42 habitantes por Km².

A subdivisão da propriedade e o custo da vida são fatos consequentes do aumento de população e das dificuldades da agricultura que o autor aponta.

Queremos reparar uma das causas do encarecimento da vida no Cariri, não citada pelo meu antecessor nesta cadeira do Instituto: foi que o método agrícola da variação dos roçados esbarrou, com o aumento da população, na menor área disponível por habitante e a repetição do cultivo conduziu ao empobrecimento do solo e à destruição parcial dos recursos materiais. Além da erosão, da diminuição das

fontes d'água, a zona está hoje desprovida de lenha para os seus engenhos de rapadura e fornos de farinha.

Os estudos regionais, obedecendo uma diretriz ecológica, são uma necessidade porque permitem descer ao detalhe e indicar as soluções locais.

Os chamados problemas brasileiros nada mais são do que um mosaico de condições particulares, especiais, de clima, de solo e de hábitos sedimentados de populações aí estabelecidas e que carecem da atenção dos poderes públicos e dos auxílios dos estudiosos. O Cariri, por exemplo, com 1 habitante para 2 1/2 hectares brutos, com a sua riqueza vegetal devastada, precisa economizar o seu capital natural por meio de hábitos e processos novos mais de acordo com a alteração da sua fisionomia física e demográfica.

Em "O crescimento de Fortaleza", publicado na revista "Cultura Política", Joaquim Alves salientou a convergência constante do sertanejo para a Capital e a importância do comércio como atividade fácil. Vale salientar aqui a competição entre o urbanismo e o ruralismo como movimento sugador e aniquilador da Agricultura no que ela precisa com mais urgência: braços, cérebros e numerário.

O desequilíbrio entre a cidade e o campo, dois setores complementares da vida do Estado, gerou uma contenda de aniquilação mútua na decomposição qualitativa da população rural, na impropriedade do imigrante para participar da vida coletiva das urbs e na incompetência das indústrias para a absorção quantitativa dos forasteiros.

E cada vez mais a Civilização Brasileira sofre da macrocefalia litorânea.

A falta dos estudos regionais, no passado, não nos permitiram, pelo conhecimento dos detalhes, compreender os problemas nacionais nas suas interdependências.

A competição que as outras profissões estão exercendo sobre a Agricultura resultou na inferiorização da lavoura de gêneros alimentícios, que, por sua vez, precipitou a corrida para maiores salários, a busca da cidade e uma descompensação cada vez mais alarmante no balanço demográfico do Ceará.

"Estudos de Pedagogia regional" é uma obra publicada em 1939 e nela o autor estudou as influências que as escolas pedagógicas de Minas, S. Paulo e D. Federal exerceram nas outras escolas do país, assinalou a independência e o isolamento do R. G. do Sul no movimento educativo nacional e suas ligações com a orientação platina, analisou o sentido do ensino de S. Paulo e D. Federal para a industrialização, salientou a tendência da escola mineira para ruralismo e, no Ceará, o movimento da reforma Lourenço Filho e o esforço de Moreira de Souza. Neste livro Joaquim Alves advogou a necessidade

de unificar a cultura do mestre primário através da pedagogia, da psicologia e da técnica do ensino, ao mesmo tempo em que frizou a vantagem dos programas calcados nas atividades econômicas do Ceará.

Os estudos modernos de população dão à criança uma consideração mais alta do que antigamente. Joaquim Alves já chamava a atenção para este fato. Ele preocupou-se com as escolas maternas e os jardins da infância como a continuidade do lar, o que é louvável, porém deu aos estudos antropométricos da criança uma importância exagerada. Hoje, a antropometria e a questão de raças passaram a plano muito secundário em relação ao conhecimento do caráter, das tendências vocacionais e da descoberta dos talentos. Fala na escola ativa, que nasceu com a era industrial, e a sua implantação no ambiente brasileiro de núcleos super-povoados nas cidades e vácuos demográficos no interior. Criticou a escola ativa no meio atrasado e pobre, onde a melhoria da alimentação e do vestuário do menino merece mais atenção.

A heterogeneidade dos alunos nas classes, causando os desajustamentos da personalidade, embaraçando o professor e diminuindo a eficiência do ensino, foi focalizada por ele com a recomendação da separação dos tipos psicológicos, como preceitua a escola moderna. Joaquim Alves foi um admirador de Sud Mennucci, o propugnador da ruralização do ensino no Brasil. Ele tentou o ruralismo no Ceará pregando a necessidade de melhorar os programas escolares e o equipamento das escolas cearenses para evitar o êxodo dos campos. Ele também pensava que o educador não devia enquadrar o espírito do aluno entre quatro paredes, tendo o professor como centro de interesse, o mestre semelhante a Deus no altar, na escola antiga.

O Professor deve se impor como um valor cultural superior no sentido de criar o desejo de aprender, o hábito de estudar, o zelo pela conduta moral, a preocupação do civismo, que são os resultados que ficam depois que, na vida prática, o aluno esqueceu as lições da classe.

A PRESERVAÇÃO DA CULTURA

O Instituto do Ceará, no seu programa de trabalhos, salienta os estudos da História, da Geografia e da Antropologia, ou melhor, dá preferência às Ciências da evolução do Homem e do seu comportamento.

A História nos conta que a Humanidade tem evoluído em períodos florescentes em que predominaram o adiantamento da Ciência, o desenvolvimento da Arte, as conquistas políticas, e fases de declínio em que os fatores foram negativos e que as transições são sempre precedidas de manifestações de descontentamento, de conflitos e de acontecimentos políticos precipitadores. A época atual, pelos sintomas que apresenta, parece anunciar o advento de uma nova idade com

valores diferentes, em que os anseios da multidão serão cada vez mais gritantes. Não sabemos se esta nova aurora será de prosperidade ou de infortúnios.

Nós, que nascemos com o século XX, que respiramos um resto de idealismo, quando as qualidades morais eram saldos positivos para o conceito individual na sociedade, quando a autoridade era respeitada, sentimos, agora, que, pouco a pouco, a santidade da vida vai desaparecendo, que o sentimento religioso se enfraquece, que a conquista do êxito pessoal a qualquer preço ganha terreno e vemos a imprensa e o rádio transformarem o malfeitor em santo ou o sábio em impostor, conforme o interesse financeiro ou político do momento.

Nós assistimos, entre atônitos e impotentes, ao aniquilamento gradativo do homem bom, enxergamos com horror a substituição da honestidade pelo "golpismo", não compreendemos a impunidade dos culpados como não verificamos a exaltação do heroísmo, presenciamos a ascensão hoje do que foi a mediocridade ontem porque não há mais padrões para avaliar os méritos humanos que não sejam o dinheiro e o poder, e constatamos, com tristeza, que a inteligência foi aprimorada para servir aos instintos bárbaros do homem.

Erigimos a Ciência materialista e a Política Social como balizas norteadoras da nossa orientação, esquecendo-nos de que a força legítima da sobrevivência feliz está nas qualidades do cidadão, unido ao grupo, na sublimação do ideal coletivo, na conduta rica de sabedoria e no esforço mais construtivo do bem estar geral. Julgamos a instrução pela dose de saber insuflado na mente dos jovens e não pela espécie da doutrina de vida que ela encerra.

A preocupação do vulgarismo e do dinheiro, que empolga as minorias seletas, é a consequência da exaltação do cérebro em detrimento do coração, do brilhantismo da imaginação em prejuízo do sentimento. Obscurece a razão quando a cooperação não vinga nas populações deseducadas.

A Religião Católica é universal e eterna; a Ciência é cultivada e praticada pelos povos dos 5 continentes; a Arte é compreendida e interpretada por todos independentemente do conhecimento; somente a Política não encontrou ainda um denominador comum que harmonizasse os conflitos ou, pelo menos, que atenuasse os sofrimentos do povo.

A prerrogativa do labor edificante foi ultrapassada pela regalia de viver independentemente das obrigações morais, sociais e religiosas que o habitante, ao nascer, assumiu para com os seus contemporâneos e para com Deus.

As influências desagradáveis, aquelas que vêm do exterior, como a fome, cansaço, o calor, etc., o indivíduo procura vencê-las pela vida farta e pelo comodismo; as coisas difíceis, que vêm de dentro de nós

mesmos, como o esforço, a vontade, a prudência, a sapiência, a renúncia, etc., são abandonadas pelos prazeres.

Predominam as más opiniões quando a inteligência e o caráter das massas distanciam-se da pequena elite culta e moralizada, que tem elevado, em certos momentos, a Humanidade aos apogeus da glória. O materialismo da época levou o novo devoto a erguer dois altares, um ao dinheiro e o outro ao seu talento, patrocinando ambos, muitas vezes, causas contrárias aos interesses da coletividade. Então, em tórno desta dupla idolatria, a Moral foi banida, a fé obscureceu e, neste meado de século, floriu tôda a fauna sentimental do egoísmo, da corrupção, do "golpismo", da subida ao poder por todos os meios e da mediocridade.

O saldo resultante desta evolução, considerando a Humanidade em conjunto, é um estado de inquietação, de receio, de desconfiança e de insegurança que está despertando o primarismo egoísta do homem e conduzindo-o insensivelmente ao barbarismo.

A cultura unilateral gerou o fermento que envenena o meio. O que devia nos salvar tornou-se o instrumento da destruição. E as instituições políticas, que são a imagem do povo, que representam a média das convicções, regrediram, elas também, à corrida do sucesso pessoal, da competição, da ambição, da sede de mando, que causa nas populações o descontentamento, a falta de garantias e o medo, que são germes da indisciplina. Sômente a cultura integral, isto é, aquela alicerçada na Religião, na Ciência e na Moral pode pacificar a Humanidade.

O grande erro dos sistemas políticos foi tentar realizar para o povo aquilo que julgavam que a comunidade necessitava, e não preparar a população para, ela mesma, executar as grandes tarefas nacionais; foi estabelecer a igualdade para valores diferentes, nivelar o sábio com o ignorante, equiparar o virtuoso com o desonesto, enfim, tem sido contar a quantidade e não avaliar a qualidade. O indivíduo é número, compõe a multidão; a pessoa é predicado, forma o cidadão. O indivíduo sobrepujou o cidadão e se arroga o privilégio da liberdade, exorbitante da ordem e da disciplina, a ponto de não reconhecer a cultura e os atributos morais como modo de julgamento do mérito pessoal.

Percebemos um prenúncio de aniquilação do legado da cultura e que os elementos inferiores estão surgindo com artifícios impressionantes para armar efeito, mas que não buscam a Deus, nem a verdade e nem ao conhecimento para tornar a Humanidade mais feliz.

Desde que o homem passou a viver em estado gregário êle hauriu assuas forças na Religião; a Moral juntou-se à crença religiosa para tornar a conduta humana mais ordenada; a Filosofia pretendeu, depois, sistematizar o conhecimento para atingir à verdade; as aspirações da população aumentada criaram a Sociologia, desenvolveram

o conceito do Estado e deram corpo às idéias políticas; ampliou-se o Estado todo poderoso para assumir a paternidade do habitante, do grupo e da multidão. A sanção diária das leis moldaria o cidadão dentro do regime político e indicaria o seu procedimento como o pastor que guarda o seu rebanho de ovelhas.

O que nós chamamos de Civilização Ocidental tem como forma predominante de Governo a Democracia ou o sistema que se baseia na média das opiniões. Depois de quase um século de experiência democrática, nós observamos a vitória do individualismo, a intensificação da ambição pelo ouro e a divisão da população na essência de poucos homens cultos e vasta multidão ignorante, no espírito avançado de alguns cientistas extraordinários e incompreendidos pela grande massa, o que deu origem aos complexos problemas da imensa necessidade geral que os Governos não estão organizados para solucionar.

A Civilização está ameaçada de ruína e periga a sua evolução com tudo o que de precioso e de sublime ela conquistou nos instantes de exaltação criadora através de longa e sofrida experiência.

Em parte, este abismo foi aberto pela instrução e pela educação inadequadas para o animal gregário, racional e polimorfo que é o homem. A ilustração, a influência pessoal e o poder financeiro são culpados parciais porque eles foram os fatores da composição das administrações públicas e da confecção das leis durante muitas décadas.

Um habitante instruído e educado é um cérebro caro, que foi beneficiado pela organização escolar, pelo professor que o ensinou, pela leitura dos livros que outros escreveram e pelo repositório de ensinamentos que as agremiações como esta preservaram; a sua responsabilidade científica, cívica e social é imensa porque ele gosa de prestígio na classe atrasada e pode explorar a ignorância alheia em benefício da sua pessoa. Dele depende o melhoramento ou a decadência da comunidade. O saber humano não tem "ersatz", ou melhor, a cultura não tem sucedâneo; somente o conhecimento e o zelo pelos atributos morais podem alargar o pensamento e esclarecer as idéias.

O regime político pressupõe o cidadão preparado no seu polimorfismo, pois a administração pública é impotente para plasmar o habitante no seu caráter, nos seus estudos e na sua crença. O Estado não alcança o lar para purificar o deturpamento da educação familiar, não penetra no espírito da escola para corrigir as lições do mestre e não pode santificar a alma do crente. E, assim, a tutela do Estado, posto que seja extensa na legislação e na autoridade, não tem o vínculo profundo e nem a essência para manter a estabilidade da relativa prosperidade das populações.

A Ciência, que se desenvolveu com o aperfeiçoamento da inteligência, tem sido aplicada em manchas irregulares, mais em proveito

de poucos do que de todos, mais em favor da destruição do que na construção de um mundo pacífico. Resultados fragmentados da aplicação científica chegaram ao benefício geral, escassas vantagens obtivemos na distribuição coletiva da produção para contentar as exigências materiais, elementares, do povo.

A Ciência aponta o fenômeno como êle é e não como êle deveria ser em relação ao homem.

No primado do intelectualismo a Ciência triunfou do coração e da razão. Dir-se-ia que a Tecnologia venceu o Humanismo. Então, a condição humana do homem está prestes a desaparecer. No paradoxo da nossa época, o ser humano está desmerecendo a essência da vida e, com ela, a aptidão para sobreviver.

A Ciência é o tempo medido em segundos, o movimento, a trepidação, a explosão; o Humanismo é o afeto, a espiritualidade, a reflexão, a prudência, as gerações que se sucedem, o conhecimento do homem em si.

O cientista, afastando-se do que é afetivo e espontâneo, não pode formular sistemas baseados no sentimento; o pensamento lógico muitas vezes é indiferente à Moral e por isto nem sempre as conclusões científicas obedecem aos preceitos morais. Se o conhecimento não pode ser coerente com a fé, o homem não encontra a harmonia dentro de si mesmo.

A instrução é o meio de levar o conhecimento provado às gerações novas, porém êle precisa ser renovado constantemente para não se desvalorizar. Ao mesmo tempo em que a escola deve se desincumbir da sua missão de preparar grupos compreensíveis entre si, de espírito acomodado para conciliar a diversidade das opiniões, ela tem de exercer, também, a função mais importante de descobrir os talentos privilegiados, os gênios em potencial para, em colaboração com a formação moral da família e a preparação espiritual da Igreja, forjar os líderes, os gênios e os estadistas que conduzem a Humanidade nas horas difíceis.

Muito ao contrário do nivelamento dos bens materiais de cada indivíduo, como preconiza o Comunismo, o progresso se acelera com as oportunidades da instrução e da educação para todos a fim de aflorar as qualidades do aluno, tanto intelectuais como morais, para aparecer os cérebros raros e os corações magnânimos que norteiam os rumos da nacionalidade.

A escola não deve preparar o especialista para executar uma tarefa restrita futuramente, pois as imposições da existência são muito variadas e os estudos carecem de renovação; ela deve estimular nos jovens o prazer de trabalhar, a alegria de servir ao próximo, a iniciativa natural, a habilidade nas relações com os outros e a facultade de cooperar com todos.

Alguns pensadores julgam que o mal estar da nossa época é causado pelo adiantamento da Ciência em face das relações humanas; outros pensam que é uma crise moral e um terceiro grupo proclama que a causa é a decadência da educação. A reflexão nos mostra que o desequilíbrio do crescimento físico e intelectual do homem divorciado da sua conduta moral e da prática da Religião resultaram no desajustamento da criatura consigo mesma, com a família, com a sociedade e com a Pátria. A observação acurada nos indica que houve um enfraquecimento gradual das energias interiores da vida, como a meditação, a humildade, a modéstia, a ajuda mútua, em favor da exteriorização da riqueza, da posição e do prestígio.

O problema voltou, então, ao ponto inicial, concentrou-se no sêr humano como um membro da família, como célula da comunidade e como cidadão da Pátria. Retornamos, assim, ao homem integral, síntese da fé, do saber, da bondade e do caráter, àquela criatura menos imperfeita capaz de garantir a felicidade da família, o bem estar da sociedade, o progresso do Estado e a paz no mundo.

Ao mesmo tempo em que é imperioso governar as massas para a satisfação das suas aspirações humanas e justas, urge, também, plasmar o habitante para que êle faça jús aos privilégios a que tem direito como criatura feita à semelhança de Deus.

A Humanidade oscila entre as pretensões do povo e as prerrogativas do individuo, entre uma satisfação mínima e um direito máximo.

O valor do cidadão é aferido pelo que êle proporciona, de si mesmo, à coletividade e não por aquilo que êle dela usufrui.

As sociedades culturais, pela responsabilidade de seus membros e pelo acêrvo dos conhecimentos de que elas são as guardiães, estão chamadas, pelas contingências atuais, a salvaguardar o patrimônio científico, moral, religioso e político que os períodos históricos sucessivos acumularam durante milênios de esforços e de sabedoria.

Para que o homem possa se desenvolver igualmente em fé, em sentimento, em inteligência e em saúde é imprescindível uma cooperação íntima entre os pais, os educandários, a Igreja e o Estado.

Lutemos para preservar a cultura integral porque ela é a segurança da Paz e a conquista da Felicidade.